

## EDUCAÇÃO EM ÉPOCA DE PANDEMIA

Eduardo Jablonski<sup>1</sup>

### RESUMO

Em 2020, desde 19 de março, as aulas, tanto no ensino público como no privado, passaram a ser feitas de maneira remota, aliás, como desejava o Presidente da República. Mas nem todos os alunos se dispuseram a realizar as atividades, ainda que corressem o risco de ser reprovados no final do ano. O objetivo deste estudo é analisar como se deu esse processo educacional numa escola da rede pública de uma cidade do interior do RS, a 110km da capital. Trata-se de

um estudo de caso, mas, antes de ir aos números de devolutiva dos estudantes, fez-se uma reflexão do papel do professor com base no depoimento de Theodore Adorno, e tais reflexões foram comparadas com a situação educacional do Brasil no século XXI, nessa época de pandemia. Constatou-se, no final das contas, que 59% dos alunos não se interessaram por realizar as tarefas estudantis.

**PALAVRAS- CHAVE:** Educação. Pandemia. Aulas remotas.

<sup>1</sup> Mestre em Letras (UFRGS), especialista em Inglês, Ética, Ensino de Filosofia, Docência de Ensino Superior e Profissional e Gestão Financeira, licenciado em Letras Inglês e Filosofia, professor concursado do Governo do Estado do RS e da Prefeitura de Santo Antônio da Patrulha e-mail: evjj1969@gmail.com.

## EDUCATION IN THE PANDEMIA ERA

### ABSTRACT

In 2020, starting on March 19, classes, both in public and private education, started to be done remotely, in fact, as the President of the Republic wanted. But not all students were willing to carry out the activities, even though they were at risk of failing at the end of the year. The objective of this study is to analyze how this educational

process took place in a public school in a city of RS, 110km from the capital. This is a case study, but, before going to the students' feedback numbers, a reflection of the teacher's role was made based on the testimony of Theodore Adorno, and these reflections were compared to the educational situation in Brazil in the 21st century, at the time of pandemic. At the end, it was found that at least half the students were not interested in carrying out student tasks.

**PALAVRAS- CHAVE:** Education. Pandemia. Virtual classes.

## EDUCACIÓN EN UNA ÉPOCA DE PANDEMÍA

### RESUME

En 2020, desde el 19 de marzo, las clases, tanto en educación pública como privada, se empezaron a hacer de forma remota, de hecho, como quería el Presidente de la República. Pero no todos los estudiantes estaban dispuestos a realizar las actividades, incluso si corrían riesgo de reprobación al final del año. El objetivo de este estudio es analizar cómo se desarrolló este proceso educativo en un colegio público de una ciudad del interior

de la RS, a 110km de la capital. Es un estudio de caso, pero, antes de ir a los números de retroalimentación de los estudiantes, se hizo una reflexión del rol del docente a partir del testimonio de Theodore Adorno, y estas reflexiones se compararon con la situación educativa de Brasil en el siglo XXI, en esta vez de pandemia. Al final del día, se encontró que el 59% de los estudiantes no estaba interesado en realizar las tareas de los estudiantes.

**PALAVRAS- CHAVE:** Educación. Pandemia. Clases remotas.

## ● INTRODUÇÃO

Desde o dia 19 de março de 2020, as escolas públicas do RS estão oferecendo aulas remotas, por determinação do Governador do Estado, devido à pandemia do coronavírus. Aos poucos, tudo se acomodou. Meses depois do início da pandemia, várias resoluções educacionais foram tomadas. O objetivo deste artigo é relatar a situação de uma escola de ensino fundamental do interior do RS nesse período, como os professores organizaram suas aulas, a recepção dos alunos, o comportamento da direção e da coordenação. A finalidade é apenas registrar esse momento histórico. Outras escolas podem estar se comportando de modo diferente. Será estudado um caso específico, contando como tudo se deu e inclusive as pequenas desavenças entre os professores. Antes de relatar o caso, no entanto, são trazidas algumas reflexões de Theodor Adorno sobre o fazer docente, com ligações e comparações à situação educacional em pauta, quando possível.

## ● REFLETINDO SOBRE O FAZER DOCENTE

Theodor Adorno trabalhou na seleção de professores de Filosofia e escreveu a respeito disso e de outros aspectos acerca da educação no livro “Educação e Emancipação”. Adorno diz que, tanto nas provas escritas quanto nas orais, os examinadores como ele encontravam candidatos despreparados (ADORNO, 1995, p. 26). Adorno viveu entre 1903 e 1969 e acreditava que, na sua época, havia muitos estudantes desqualificados. Em 2020, na realidade da pandemia, quando as aulas de todos os níveis precisaram ser feitas na modalidade remota, 59% dos alunos de ensino fundamental de uma escola municipal de uma cidade do interior do RS não realizaram nenhuma das atividades propostas pelos professores. Logo, eles também serão candidatos despreparados quando enfrentarem um concurso público, uma prova

ISSN **2675-1852**

do Enem ou um vestibular numa universidade pública. E a situação do ensino presencial não era muito diferente. Uma quantidade grande de alunos, mesmo diante do professor, não fazia absolutamente nada, apesar da insistência do docente, pedindo para que copiassem a matéria e fizessem os exercícios. Portanto, a situação de desinteresse por aprender acontece hoje em dia tanto no Brasil, um país subdesenvolvido, quanto numa nação abastada como a Alemanha, na metade do século XX. O fato é que muito pouca gente descobriu no passado, hoje em dia, como provavelmente no futuro, que aprender também é divertido (pensamento de Freud, 1970).

Adorno suspeita dos candidatos a professor que se interessam por todos os assuntos. Ele pensa que eles provavelmente não vão se dedicar a nenhum. (ADORNO, 1995, p. 25) Esse pensamento foi defendido durante décadas. É a especialização. No meio universitário das instituições federais, existem especialistas em determinadas áreas. No segmento filosófico, há estudiosos de Kant, Hegel, Heidegger etc. Eles até conhecem um pouco de outros assuntos, mas o que realmente se especializaram é no autor que escolheram para estudar. Nas escolas públicas no Brasil, há professores que se formaram numa disciplina, mas dão aula de diversas outras. Por exemplo, é raro uma escola dispor de docente de Artes ou de Religião com formação na área. E há professores que trabalham com outras matérias, mesmo sem preparo, não porque se interessam por diversos assuntos, como ressaltou Adorno, mas porque as circunstâncias assim exigem. A escola precisa de um professor, e alguns docentes desejam ganhar mais horas, para aumentar seus rendimentos.

Nas faculdades isoladas (esse é o termo correto, segundo o Ministério da Educação), existem professores com ampla formação, duas ou três graduações, seis ou sete especializações, às vezes dois mestrados e doutorado, tudo em áreas distintas, porque esses docentes precisam dar aula de uma enorme quantidade de

Outro exemplo foi o pai da Administração moderna, Peter Drucker. Dizem que passou a vida inteira (1909 - 2005), ou seja, 96 anos, estudando, fazendo uma graduação ou especialização atrás da outra, nas mais diversas áreas do conhecimento. O que ele pensava, com isso, é aprender o que poderiam auxiliar no processo de entendimento dos negócios, e quem já leu os seus livros sabe que ele usava exemplos das artes, da literatura, da medicina, do cinema para entender melhor a Administração por outros prismas. Sob esse aspecto, Peter Drucker não se interessava por diversas áreas, mas apenas por uma: a administração de empresas. Aristóteles era outro que estudava uma quantidade enorme de temas, escreveu tratados de metafísica, de física, de lógica, de biologia, de antropologia, de poesia, de retórica. Nesse sentido, até o preceptor de Alexandre o Grande seria criticado por Adorno. Mas não é verdade que, se a pessoa se envolve com vários assuntos, não se dedicará corretamente a nenhum, como disse Adorno. Há pessoas que passam o dia inteiro estudando (são raros esses casos, é verdade) e têm condições de se tornar fortes em diversos segmentos.

No entender de Adorno, os candidatos a professor de Filosofia são desleixados no trato da língua alemã (ADORNO, 1995, p. 29). O pensador está emitindo uma opinião talvez sobre uma área que não compreendia. Os estudos de Ferdinand Saussure, naquela época, eram recentes. A Linguística não estava tão desenvolvida como hoje. A maneira de uma pessoa falar apenas a identifica como classe social, origem, nível de estudo e experiências. Não existe linguagem certa ou errada para a Linguística.

Além disso, se o pensador alemão desejava o uso de termos eruditos por parte dos professores de Filosofia, isso apenas contribuiria para que os alunos não entendessem da fala do educador. Há docentes que fazem questão de empregar todas

ISSN **2675-1852**

as expressões de Kant, Hegel, Heidegger, sem as explicações adequadas, e isso apenas torna o conhecimento impenetrável a um aluno que recém começou a se aventurar pelas águas do pensamento filosófico. Portanto, simplificar e esclarecer deveriam estar em questão nesse ponto. Não agindo assim, um educador de Filosofia somente despertaria o ódio e a rejeição do alunado. Numa aula remota, é ainda mais importante que o professor se faça entender, e usar uma linguagem coloquial facilita esse processo.

Para Adorno, a linguagem da prova oral é ainda pior que a da prova escrita (1995, p. 29). Sobre esta, os estudantes brasileiros - principalmente de uma cidade do interior do RS - cometem muitos equívocos de gramática, mas esse desempenho não é exclusividade somente dos alunos. Os professores também escrevem com enorme volume de deslizes. Nessa cidade, por exemplo, os educadores põem vírgula entre sujeito e verbo, dizem “duas horas e pouca, três e pouca, quatro e pouca”, “estou meia cansada” etc. Em Porto Alegre, o nível intelectual dos educadores, mesmo de faculdade, não é muito melhor. Há todos os tipos de erros gramaticais em slides escritos por eles e até nos ensaios acadêmicos. Os professores doutores de Filosofia, por exemplo, têm o costume de flexionar o verbo “haver” em situação de existir, como em “havam reuniões”. Talvez seja resultado do desapego educacional, do desamor pela leitura. Isso se reproduz nas aulas remotas, nas aulas presenciais e em todas as situações.

Adorno afirma que a profissão de docência era desprezada na Alemanha e fora dela naquele período. (1995, p. 30) A obra foi publicada ao redor de 1950. Mas a razão de por que isso acontecia é diferente da cultura brasileira nos dias de hoje. Páginas adiante, o pensador alemão explicou esse detalhe. O professor era conhecido como agressor, visto que batia com violência nas mãos dos alunos, com réguas enormes, quando estes incomodassem ou não soubessem os temas em estudo.

No Brasil, os professores também são desprezados, mas por outros motivos. O magistério é a profissão que paga pior. Um educador que trabalhe 40h semanais ganha pouco mais ou menos 3 mil reais por mês, isso na rede pública, incluindo estadual ou municipal. Se trabalhar em faculdade, o salário pode subir para bem mais do que isso: 5 mil, 6 mil, 7 mil etc., dependendo da carga horária do docente e da sua titulação. Os professores doutores ganham mais; os mestres, um pouco menos, e os especialistas, menos ainda.

Talvez o desprezo que parte da população mostra pelo educador tenha alguma relação com os salários baixos e com atividade em si do magistério. A sociedade brasileira não valoriza o ensino. Tanto que apenas 15,3% da população tem nível superior (dados de 2016, segundo o IBGE). Alguns poderiam dizer que é porque não tiveram chances de estudar. Mas isso não é verdade. A Universidade Aberta do Brasil, criada em 2005, oferece cursos gratuitos de diversas áreas, porém, mesmo assim, as pessoas não querem estudar. Esses cursos enfrentam dificuldades para preencher as vagas. Como uma faculdade leva em torno de quatro anos para ser concluída, toda a população brasileira já poderia estar formada em 2020. A sociedade brasileira não valoriza a educação, o conhecimento, a leitura, o estudo e por essa razão foge dos bancos escolares. O professor é visto como um adversário, que obriga o jovem a fazer o que ele detesta, ou seja, estudar, aprender, se desenvolver intelectualmente.

Adorno lembra a filosofia como peso morto que retarda, por ocupar o tempo do aluno e a aquisição de conhecimentos mais úteis para a vida dele. (ADORNO, 1995, p. 31) O presidente atual do Brasil acha uma perda de tempo estudar matérias que incentivam a crítica, a reflexão, a ponderação dos fatos e conhecimentos. Para ele, provavelmente a Filosofia seja um tanto inútil. Mas todas as matérias têm sua importância no contexto educacional.

Marilena Chauí já comentou sobre uma brincadeira que se diz nos cursos da



área - que a Filosofia é uma área tal que, sem ela ou com ela, o mundo continua tal e qual. Porém a maioria dos alunos diz que, excetuando a Língua Portuguesa e a Matemática, as demais disciplinas são inúteis, não só a Filosofia, mas a Língua Inglesa, as Ciências, a Geografia, a História, as Artes etc. Alguns estudantes chegam a definir o ensino de inútil. Não percebem que estudioso entende melhor a sociedade e consegue ascensão financeira e social.

Adorno também ressalta o possível fracasso da universidade na formação do professor de Filosofia (1995, p. 32) e fala sobre a “situação deplorável” (ADORNO, 1995, p. 32) dos exames. A declaração diz respeito a 1950 na Alemanha, um país de primeiro mundo. A situação universitária brasileira em 2020 é bem pior. Os cursos que oferecem alguma qualidade no Brasil são os das universidades federais, porque dispõem de professores doutores que passaram a vida estudando a sua área, a sua matéria e têm profundo conhecimento a compartilhar. Há raras escolas e faculdades privadas de qualidade.

No ensino fundamental presencial, com alunos que não se interessam pelo estudo, o professor tem dificuldade de fazê-los cumprir as tarefas. No ensino remoto, esses e outros estudantes não cumprem com seus compromissos minimamente e assim existe não só o fracasso da universidade, como ressaltou o pensador germânico, mas da educação como um todo.

Adorno também aborda o papel da televisão na formação intelectual do adulto (1995, p. 33). O pensador teria estudado os programas de televisão dos Estados Unidos e seu público provavelmente por volta de 1950 ou 1960. Em 2020 no Brasil, tal situação mudou. Os programas de televisão no Brasil apresentam um gosto profundamente duvidoso. Tanto que Diogo Mainardi, num dos seus artigos na Revista Veja, disse, em tom de deboche, que, se o Brasil quisesse destruir os demais países, bastava apresentar-lhes a nossa cultura. Daria para se escrever um longo estudo

ISSN **2675-1852**

acerca da formação proporcionada pela tv brasileira nos dias de hoje, mas o que os jovens realmente usam são as redes sociais, o Face, o Youtube, o WhatsApp, não a tv. Embora estejam sempre conectados, nunca ou raramente o fazem no sentido de autodesenvolvimento intelectual. As atividades da escola, por exemplo, são deixadas de lado, trocadas por videozinhos para dar risinhos, “azarações”, paqueras, fofquinhas. Leituras de clássicos e tarefas educacionais nem são cogitadas, isso que a internet possibilitou o acesso rápido a toda a produção intelectual do mundo. Basta procurar no Google e baixar em pdf.

Adorno (1995, p. 33) divide o papel da televisão como formativo por meio de tvs educativas e de programas de gênero educativo, e deformativa em relação à consciência das pessoas, devido à enorme quantidade de tempo gasto na frente da tv. Adorno disse que não é contra a televisão em si (1995, p. 33) e parece defender uma ideia de Kant. Segundo este filósofo alemão, o objeto em si não é bom de mau, porém é como o utilizamos que o faz ser bom ou mau. Adorno acha que, em grande escala, a tv contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores. (1995, p. 34)

Adorno constatou nos alunos mais brilhantes de Filosofia o sentimento de castigos quanto à possibilidade ou imposição das circunstâncias de ser professor e, por essa razão, identificou enorme desprezo pelo magistério. (1995, p. 43) Anos atrás, uma vice-diretora de escola pública debochou de alguns docentes e disse que o magistério era o que lhes restava. Entre os escritores, por exemplo, os que conseguem publicar sem pagar, uma das dificuldades no mercado editorial no Brasil, precisam se voltar à função de dar aula para ter condições de constituir uma família. Embora se reclame do salário dos educadores, ainda é melhor do que ser escritor profissional neste país. E tais docentes encontram dificuldades para preparar aulas remotas interessantes, porque não gostariam de ser professores; sua pretensão era de ser

escritores. O magistério entrou nesse processo como a salvação.

Adorno acredita que a imagem do magistério como “profissão de fome” era mais forte do que real na Alemanha dos anos de 1950 ou 1960. (1995, p. 44) No Rio Grande do Sul em 2020, é possível dizer a mesma coisa. Os professores das redes públicas estaduais e municipais sempre reclamam dos seus rendimentos, dizem que são muito baixos etc. Porém a maioria aparece nas escolas com veículos extremamente caros e zero-quilômetro. Tanto que circularam pelas redes sociais alguns “memes” em que os professores se queixavam dos salários, porém o estacionamento da escola estava repleto de veículos zero-quilômetros.

A verdade é que um professor que trabalha 40h semanais ganha 50% a mais que a média salarial brasileira, que, segundo o IBGE, está em R\$ 2.261. Um professor que trabalhe 40h não ganha menos de R\$ 3 mil reais. Porém, se ele fizer especialização ou mestrado e se dispuser a trabalhar em locais distantes, pode atuar em uma faculdade e seu salário será bem maior, como já foi dito.

Mas essa visão equivocada de que o magistério é uma profissão de fome tira de alguns educadores o entusiasmo para fazer aulas interessantes e, por essa razão, algumas atividades não despertam o interesse dos alunos. A maioria dos professores da escola analisados na sequência somente preparavam uma atividade numa folha de papel, à mão, e batiam fotos no celular para transmitir aos alunos via WhatsApp. Estes deveriam copiar no caderno, tirar fotos das atividades e mandar aos professores pelo número privado do WhatsApp. Talvez por isso alguns não tenham feito as atividades.

Segundo Adorno, a língua alemã e outros idiomas apresentam expressões degradantes para a profissão de professor. (1995, p. 44) Na sua opinião, o magistério transmite um clima de falta de seriedade (ADORNO, 1995, p. 44). De certa maneira, isso também acontece no Brasil em 2020. Há escolas em Gravataí, por exemplo, em que cinco ou seis professores faltam ao trabalho todos os dias. Em Cachoeirinha,

ISSN **2675-1852**

nessa época de pandemia, muitas escolas não fizeram nada, deixaram os alunos abandonados, porém, mesmo assim, continuaram a receber seus vencimentos. Só em Santo Antônio da Patrulha o relacionamento profissional parece um pouco mais sério, porque raramente um professor falta ao trabalho, a não ser que tenha um motivo importante. E, nessa cidade, os alunos da rede pública municipal não ficaram um dia sem atendimento remoto.

Adorno disse que, na Alemanha, o título de professor só é concedido no meio universitário. No ensino médio, esse profissional seria uma espécie de conselheiro de estudos (1995, p. 44). Nos Estados Unidos, existe algo similar: *teacher* é um título para ensino fundamental e médio, que os americanos chamam de *elementary school* e *high school*, respectivamente, mas no Brasil isso não ocorre. Em quaisquer situações, o profissional é chamado de professor, inclusive quando não dispõe de formação ou ministra aulas de outras situações, como artes marciais ou mesmo patins.

Conforme Adorno, o preconceito contra o professor tem raízes medievais (1995, p. 46). O pensador alemão também lembra os antigos professores gregos, os pedagogos, cuja origem era a escravidão (1995, p. 46). Hoje, ainda são uma classe desrespeitada pela sociedade. Nas escolas particulares, os alunos, tratados como clientes, mandam nos professores e nas escolas, porque estão pagando. Querem aulas mais fáceis, menos tarefas de casa e aprovação garantida. Na escola pública, o professor tem um pouco mais de autonomia, se concursado, porque não corre o risco de ser mandado embora. Como a maioria dos pais de alunos de escolas públicas nem sequer terminaram o ensino fundamental, veem o professor como um ser sagrado, não porque respeitem a educação, mas porque o educador se formou em algum assunto e parece conhecer todos os mistérios da sociedade. Nessa situação, o professor é um pouco mais respeitado.

“Essa ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada.” (ADORNO, 1995, p. 58) Aqui o pensador estava se referindo à agressão física. Como esse tipo de comportamento não existe mais no Brasil e no mundo, a severidade hoje em dia se dá de outra forma. Existem professores que acreditam que um bom educador é aquele que reprova, enquanto Paulo Freire pensava que os bons professores faziam os alunos entenderem e refletirem conscientemente sobre os temas estudados.

Adorno (1995, p. 149) diz que existe um número incontável de adolescentes que nutrem aversão à educação. Freud (1970) chegou a afirmar que somente uma pessoa madura se daria conta de que estudar também pode ser divertido. Os ingênuos acham que estudar não é divertido e acabam deslocando seu foco para o consumo e a futilidade da vida. Assim, as tarefas da escola são deixadas de lado.

Adorno refletiu sobre a educação em outra época e em outra sociedade, mas algumas ideias possibilitaram se pensar a educação remota no Brasil em tempos de pandemia. A partir deste ponto, analisa-se a situação de uma escola pública de ensino fundamental de um município do interior do RS.

● **ESTUDO DE CASO**

Quando o Governo do Estado do RS decidiu que as aulas seriam suspensas, e a Prefeitura da cidade resolveu acompanhar, forçada pela Câmara dos Vereadores local, os professores da referida escola prontamente tomaram uma decisão: seriam formados grupos de Whats por turma, com o número de todos os alunos. Cada professor regente ficaria responsável por mandar todas as aulas de todas as matérias aos seus alunos e também caberia a esse professor coletar todas as devolutivas desses alunos por dia e ainda registrar numa planilha. Ou seja, seria um excesso de trabalho a apenas um educador, o regente de cada turma.

Este artigo se baseia nos alunos do turno da tarde. A escola dispõe de quatro grupos nesse período, dois sextos anos, um sétimo e um oitavo, totalizando 81 estudantes. São nove matérias: Português e Matemática, que contabilizam 2 horas de 60 minutos por semana. É importante especificar isso, porque, em outras realidades, as horas-aula são de 45 minutos. As demais matérias, mas com 1h de 60 minutos por semana, são Geografia e História, Artes e Religião, Educação Física e Inglês, além de Ciências. Assim, se o professor é regente de uma turma, deve postar as matérias de todas elas e receber os retornos de todas as atividades, isso significa que ele deverá buscar e registrar no mínimo 216 atividades de uma turma de 24 alunos, mais 2x24, porque Português e Matemática entram duas vezes por semana nas aulas. A soma dá 264 trabalhos por semana, isso se todos os alunos fizerem as atividades, o que não é o costume (mas isso será abordado na sequência). Se cada educador apenas recolhesse os trabalhos da sua disciplina, se fosse caso do professor de Língua Portuguesa, ele teria de receber as tarefas dos seus 81 alunos duas vezes, ou seja, 162 vezes, o que seria 61% do trabalho.

Apesar disso, os professores fizeram uma enorme discussão pelo WhatsApp e quiseram a alternativa que dava mais trabalho, isto é, a de recolher 264 tarefas por

ISSN **2675-1852**

semana, embora o mais lúcido seria preferir a alternativa 2, que possibilitaria receber 61% dessas atividades, isto é, 162. Apenas um professor optou pela situação que dava menos trabalho, e não foi o de Matemática, mas o de Língua Portuguesa, enquanto os demais acharam melhor trabalhar quase o dobro por semana. A professora de Ciências ofendeu e debochou do professor de Língua Portuguesa algumas vezes por intermédio dos grupos de Whats, e este se viu obrigado a exigir da coordenação que a professora de Ciências não dirigisse mais a palavra a ele. Tudo porque a professora de Ciências achava mais sensato trabalhar mais, enquanto o professor de Língua Portuguesa queria trabalhar menos.

Como a direção da escola é democrática e respeita a opinião de todos, inicialmente permitiu colocar em prática a ideia de trabalhar mais, porém essa permissão durou exatos 30 dias. No final desse período, a diretora precisou intervir e obrigou os professores a tomarem a decisão mais sensata, ou seja, a anterior: cada um seria responsável por enviar suas aulas e recolher as devolutivas. Tal atitude, embora antidemocrática, facilitou enormemente o trabalho. Um curso ministrado pelo Governo do Estado no sentido de capacitar os docentes para que tivessem melhores condições de preparar aulas na modalidade remota contribuiu para agilizar e diminuir o volume de tarefas.

O curso foi cansativo. Havia três horas semanais de aula e diversos outros vídeos com dicas. Os professores que se propuseram a fazê-lo (porque vários apenas o colocavam rodando e nem prestavam atenção) aprenderam a como usar os recursos do Google for Education, como Drive, Forms, Docs, Meeting e Apresentações.

Alguns professores passaram a desenvolver suas aulas por meio do Google Forms. Assim, o aluno lia a atividade, fazia os exercícios e apenas deixava seu nome e turma no sistema. Não era mais necessário copiar a matéria no caderno, tirar foto e enviar para o Whats privado do professor. Tudo já ficaria registrado no Drive

ISSN **2675-1852**

do docente. Isso reduziu o tempo gasto nas conferências das devolutivas e no preenchimento das planilhas semanais dos índices de retorno dos alunos.

Alguns professores começaram a desenvolver jogos didáticos, usando o Google Apresentações, ilustrações que se movimentam, imagens, transições de slides, sons e vídeos. As aulas ficaram ainda mais agradáveis na visão dos discentes.

Mas nem todos participavam. Os dados de uma escola de ensino fundamental do interior do RS apontaram os seguintes números. Num 6 ano B, havia 16 alunos. Destes, apenas sete faziam a maioria das atividades remotas enviadas pelos professores, ou seja, 44%. A coordenação da escola colocou os nove alunos que não davam a devolutiva em recuperação. Mas as atividades de recuperação eram as seguintes: cada professor deveria mandar uma aula, enquanto os professores de Língua Portuguesa e Matemática enviariam duas. Era o trabalho equivalente a uma semana de atividades. Se os alunos as fizessem, recuperariam seis meses sem fazer absolutamente nada.

Na turma do 6C da mesma escola, estavam matriculados também 16 alunos e destes apenas oito cumpriam com seus compromissos educacionais, isto é, exatos 50%. No 7B, eram 25 alunos, dos quais oito faziam a maioria das tarefas, ou seja, 32%. No 8B, que contava com 24 alunos, somente dez realizaram as atividades, ou melhor, 41%. Totalizando, dos 81 alunos do turno da tarde da referida, mas não mencionada escola, 33 estavam em dia com seus compromissos, ou seja, 41% do total.

O correto é que os 59% restantes fossem reprovados, mas isso não aconteceu. Somando-se os 81 alunos da tarde e os 119 da manhã, apenas 38 foram reprovados no final do ano.



Talvez a direção acreditasse que estaria mostrando serviço se apresentasse à Secretária de Educação um índice positivo de aprovação escolar. Ou talvez essa mesma Secretaria exigisse da escola os resultados aludidos. O fato é que os índices de aprovação da referida escola municipal de ensino fundamental são falsos e não refletem a realidade educacional dos 81 alunos da tarde e dos 119 da manhã.

A educação virtual poderia ser de elevada qualidade, visto que não contém os defeitos do ensino presencial. Quando uma aula está cheia de crianças, elas fazem bagunça, conversam, riem e atrapalham não só o professor, que encontra dificuldades para ministrar suas aulas, como os demais colegas. No ensino remoto, isso não existe, até porque os alunos se encontram em suas residências e podem fazer as atividades nos melhores horários para si, nos momentos em que estiverem descansados e com silêncio ao redor.

Na educação presencial, muitas vezes o professor perde um enorme tempo discutindo assuntos sem nenhuma relação educacional, como política, futebol, produtos de maquiagem, consumo em shopping, passeios, horas de lazer. No ensino remoto, não há espaço para isso. O professor precisa focar no assunto.

Mas estudantes de uma faixa etária entre 12 e 14 anos muitas vezes não apresentam a autonomia, a iniciativa e o desprendimento para estudar sozinhos. São poucos os alunos disciplinados que cumprem seus compromissos. Se os professores das faculdades federais que oferecem cursos por meio da Universidade Aberta do Brasil se queixam que mais de 50% dos alunos não assistem às aulas e não fazem as atividades, e isso que são adultos, por que os adolescentes teriam um comportamento distinto?

ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREUD, Sigmund. *Ensayos sobre la vida sexual y la teoría de las neurosis*. Madrid: Alianza Editorial, 1970.